

Jess Michaels

# EMOÇÕES PROIBIDAS

Tradução  
Maria Ponce de Leão

*Quinta Essência\**

# Capítulo 1

*Três anos mais tarde*

**1817**

– Mamã – disse Miranda Albright com um suspiro ao observar a mãe exibir outro vestido de seda para a sua irmã mais nova, Penelope. – Não devia ter comprado essas coisas sem falar primeiro comigo!

Dorthea Albright virou o corpo rechonchudo para a filha mais velha com um franzir de sobrolho.

– Esta casa é minha, Miranda! Não tenho de pedir permissão às minhas filhas para nada.

Miranda fechou os olhos e contou até dez em silêncio e muito lentamente. A hesitação não bastou para dominar a sua raiva e frustração. Ainda assim, conseguiu manter um tom calmo ao responder.

– Mas, mamã, tudo isso é tão caro! – pronunciou por entre os dentes cerrados, com um movimento de cabeça para o monte de tecidos e de chapéus e... aquelas eram joias empilhadas no sofá? – Há seis meses que tenho gerido as finanças e sei perfeitamente o que se enquadra ou não no nosso orçamento.

– Ah, sabes? – bufou a mãe, revirando os olhos. – Sabes é como manter-nos na pobreza.

– Se insiste em viver acima das nossas posses – redarguiu Miranda, cerrando os punhos ao lado do corpo –, pelo menos fale comigo para que possa preparar-me para a despesa adicional. E talvez juntas sejamos capazes de encontrar maneiras de sermos mais frugais. As nossas dívidas...

A mãe levantou a mão, repelindo o comentário de Miranda.

– Seria bem melhor que encontrasses um marido rico que solucionasse os nossos problemas financeiros do que gastares o tempo à volta dos nossos livros de contabilidade! Quando o teu pai era vivo, conseguia dar-nos tudo o que queríamos, o que precisávamos e mais! Por que razão tudo mudou? Simplesmente porque ele deixou este mundo?

A mãe fungou e, embora se sentisse frustrada, Miranda sentiu uma certa empatia pelos sentimentos visíveis no rosto marcado de Dorteia. Independentemente dos erros do pai, a família amava-o e sentia muito a sua falta.

Penelope deitou um breve e compreensivo olhar a Miranda antes de pousar a mão no braço da mãe.

– Mamã, sabe que a Miranda está apenas a zelar por nós, e eu não preciso de três vestidos verdes. Talvez se devolvermos dois deles...

– É o verde que melhor se adequa aos teus olhos – interrompeu a mãe. – Torna menos óbvio que estejam demasiado juntos.

Miranda esboçou um trejeito. Deus do céu! A mãe não tinha um mínimo de tato. Passara a vida a ser posta de lado. Era-lhe difícil suportar ver aquele veneno bem-intencionado ser dirigido à sua irmã.

– Os olhos da Penelope estão perfeitamente espaçados!

A mãe fulminou-a e decretou:

– Ela precisará de todos os vestidos quando começar a sua temporada. Não quero que ninguém diga que as minhas filhas se apresentam mal vestidas! Esta é a minha última palavra sobre o assunto.

Dorthea recolheu os vestidos, agarrou na mão de Penelope e deitou um olhar furioso a Miranda, antes de sair da divisão com a pompa e circunstância de uma rainha.

Miranda deixou escapar um gemido quando a porta da sala se fechou atrás delas. Se a mãe era uma rainha, governava, na verdade, um reino bastante pobre. O pai podia ter-lhes dado tudo o que elas «queriam, precisavam e mais», mas havia sido à custa da estabilidade financeira de que desfrutavam. O seu vício do jogo, aliado a uma vida de maus investimentos e de luxo, reduzira os cofres a praticamente nada. Só a manutenção da casa bastava para colocá-las à beira da ruína.

Para piorar a situação, na qualidade de terceiro filho de um marquês não particularmente abastado, o pai não tinha terras que compensassem os seus prejuízos. Apenas possuía vícios, dívidas e sorrisos amáveis.

– Que Deus tenha em paz a sua alma! – murmurou Miranda, enquanto revia novamente as cifras. Nada mudara. Pousou então a cabeça na beira da mesa, suspirando.

O que, com mil diabos, poderiam fazer?

– Miranda? – pronunciou uma voz vinda do sofá, junto da janela.

Miranda endireitou-se sobressaltada. A sua irmã do meio, Beatrice, fitava-a de braços cruzados. Quase se tinha esquecido da presença da jovem. Uma ocorrência rara, já que a miúda mimada raramente se permitia ser algo que não fosse o centro das atenções.

– O que é, Beatrice? – perguntou Miranda com mais um suspiro.

– Não podes recusar-nos a temporada! – declarou Beatrice, começando a bater no chão com o chinelo por baixo da bainha do seu robe extravagante. – Só porque decidiste ser uma solteirona, isso não significa que todas sejamos forçadas a seguir os teus passos.

– Dificilmente posso ser considerada uma solteirona aos vinte anos, Beatrice – reagiu Miranda, encolhendo-se. – E a tua

temporada não acontecerá pelo menos durante mais um ano, portanto, se fosse a ti, não me preocupava.

- Ah! – exclamou Beatrice, dando três longos passos na sua direção. – Como queres que não me preocupe? Já recusaste os vestidos da Penelope e, se lebares a tua avante, não serei moderna nem apetecível quando fizer a minha entrada na sociedade!

Miranda abriu a boca para responder, mas Beatrice sacudiu um dedo diante do seu rosto.

- E uma solteirona faz-se pelas atitudes e não pela idade – ripostou Beatrice. – Já podias ter casado com uma dúzia de homens ricos...

- Uma dúzia é como quem diz – murmurou Miranda.

A irmã prosseguiu, sem atender à interrupção:

- E, antes do mais, poderias salvar-nos deste sofrimento, mas recusaste. Não queres ser feliz! – O lábio de Beatrice começou a tremer e os seus olhos azuis encheram-se de lágrimas. – Além disso, também não permitiste que nós fôssemos felizes.

Miranda suspirou quando a irmã recolheu as saias e fugiu da sala, batendo a porta atrás de si com estrondo. Se Beatrice não fizesse a mesma coisa todos os dias, Miranda podia ter-se comovido, mas naquele dia sentia-se demasiado cansada para colaborar nos jogos infantis da irmã.

Analisou de novo os valores financeiros. Deus do céu! Quando chegasse o momento da apresentação de Beatrice à sociedade, talvez nem tivessem dinheiro para comida, muito menos para vestidos.

A porta produziu um estalido e Miranda necessitou de todas as forças para não deitar a cabeça na mesa e pôr-se a soluçar. Não conseguiria aguentar mais uma birra. Pura e simplesmente era incapaz.

Contudo, foi Penelope quem entrou na sala, e não Beatrice ou a mãe. As duas jovens trocaram um sorriso cansado. Miranda podia contar com Penelope. Era a sua melhor amiga

e confidente... pelo menos na maior parte dos assuntos. Existia ainda um segredo que nem Penelope conhecia.

E se Miranda levasse a melhor, tal nunca aconteceria.

- Tentei convencer a mamã a devolver os vestidos, mas ela recusa – informou Penelope, afundando-se na cadeira à frente de Miranda com um suspiro fático. – Lamento muito.

- Nunca acreditei que ela cedesse – retorquiu Miranda, abanando a cabeça. – E devia ser eu a pedir desculpa, e não tu.

Penelope inclinou-se, surpreendida.

- Tu? Pedires desculpa? Por que razão? Desde que o papá morreu há seis meses, foste a única pessoa que impediu esta família de andar a pedir esmola nas ruas. Percebo isso, mesmo que não seja o caso da mamã e da Beatrice. Não tens de pedir desculpa por nada.

Miranda levantou-se e dirigiu-se à janela. Olhou lá para fora e engoliu uma praga, ao observar três criados que plantavam novas roseiras. Quando é que elas haviam sido encomendadas? Com os diabos! Aquilo significava mais dinheiro arrancado aos poucos recursos da família para coisas frívolas a que apenas a mãe se atreveria a apelar de necessárias. A cabeça começou a latejar-lhe.

- Como a Beatrice gosta de frisar diariamente, eu podia ter aceitado propostas de casamento de vários homens que se encontravam, todos eles, numa posição financeira de salvar esta família da ruína. Se o tivesse feito, os nossos problemas não seriam tão prementes agora. – Miranda continuou de olhos postos no exterior, mas mal via os jardins. – Por causa das minhas decisões, a tua temporada não será como deveria. E ainda falta a Beatrice, para nem falar da Winifred!

Penelope pôs-se de pé e avançou até junto de Miranda, rodeando-lhe os ombros com o braço. Apertou-a, e Miranda sentiu-se confortada, embora por breves instantes.

- Esquece a Beatrice. Se lhe disseres que o céu é azul, ela argumenta o contrário apenas para ouvir a própria voz.

E a Winifred ainda agora fez dezasseis anos e tem a cabeça nas nuvens. Nem sequer pensa ainda na temporada. Quanto a mim, decerto não te censuro por não teres aceiteado essas propostas. Por um lado, foram todas feitas muito antes de saberes da nossa... – hesitou – ... da nossa situação. Dois dos cavalheiros eram bastante horríveis. Quanto ao outro, não o amavas, e tu queres amor.

Miranda esboçou um trejeito. Não, ela queria paixão, mas recusava falar disso à irmã. Tão-pouco tencionava contar-lhe como sabia tanto sobre o tema da paixão.

Imagens eróticas começaram a apoderar-se-lhe da mente, como acontecia cada vez mais frequentemente naquela época do ano, mas afastou-as.

– As mulheres na nossa posição não podem esperar por amor. Fui egoísta, e agora estamos todas a pagar o preço – suspirou Miranda. – Não me apercebi pura e simplesmente de como a nossa situação era terrível até à morte do papá. Nessa altura, já estava rotulada como uma mulher que recusava propostas. Uma futura solteirona, e duvido que conseguisse obter mais uma proposta, mesmo que o tentasse. Certamente não de um homem com capacidade para nos ajudar.

Penelope apertou-lhe o braço.

– Como é que está a nossa situação financeira, Miranda? Fala sem medo.

Miranda virou-se para a irmã e franziu o sobrolho. Ocultara o grosso dos pormenores às irmãs, mas o peso da verdade começava a bulir-lhe com os nervos. E não havia forma de disfarçar após se ter deitado a alterar o conforto das suas vidas quotidianas. Já principiara a elaborar um inventário de objetos que podiam ser vendidos sem levantar as suspeitas da mãe. Infelizmente, não restavam muitas coisas na casa que se encaixassem nessa descrição. O pai saíra-se muito bem a livrar-se delas pelas suas próprias mãos. Se a mãe soubesse quantas das suas queridas joias já pertenciam ao passado...

– Se não descobirmos uma maneira de arranjar rapidamente dinheiro para esta família – sussurrou –, podemos muito bem perder tudo, incluindo a nossa casa.

– Oh, céus! – retorquiu Penelope, empalidecendo. – Embora soubesse que a nossa vida corria mal, esperava que estivéssemos em melhor situação. – Recuou alguns passos e levou uma das mãos ao coração. – Oh, papá... como pudeste ser tão tolo?

Miranda esboçou um silencioso aceno de concordância, ignorando a dor da perda que ainda a afligia ao pensar no pai. Nutria um misto de sentimentos no que se lhe referia: ira e tristeza, amor e dor.

– O que podemos fazer? – soou a voz de Penelope, interrompendo-lhe os pensamentos.

Miranda esfregou os olhos.

– Um bom casamento pode ser a única solução.

– O meu bom casamento, queres tu dizer – murmurou Penelope.

– Temo bem que sim – suspirou Miranda. – Eu falhei, mas ainda há esperança para ti, antes que toda a gente esteja a par dos nossos problemas e o nosso nome fique manchado. Precisas de uma época alta, de uma temporada espetacular. E eu necessito de encontrar uma maneira de o conseguir. Na verdade, andei a pensar no assunto e creio ter encontrado uma solução.

Penelope colocou a cabeça de lado com uma expressão surpreendida.

– O que queres dizer?

Miranda abanou a cabeça.

– Não, não te preocupes com isso. Basta que vás experimentar os vestidos e faças a mamã feliz. Se ela estiver feliz, não notará a minha falta.

– A tua falta? – redarguiu Penelope, passando da surpresa ao alarme. – Onde vais?

Miranda esboçou um trejeito. Ali estava uma pergunta a que não podia responder.

– Tenho de fazer uma coisa.

Penelope mordeu o lábio e fitou Miranda com preocupação. Mas depois encolheu os ombros.

– Muito bem. Cuida bem de ti.

Miranda deu uma palmadinha na mão da irmã e escapou-se da sala. Porém, enquanto arranjava as suas coisas, foi incapaz de reprimir um arrepio. O que estava prestes a fazer podia ajudá-la ou arruiná-la completamente. Era algo que temia e aquilo por que mais ansiava.

Preparava-se para oferecer uma pechincha ao homem que lhe tinha ensinado tudo o que sabia sobre desejo e paixão. O homem que nunca soubera que era o seu tutor.

Ethan Hamon, conde de Rothschild, bebeu um longo gole de xerez, saboreando-o. Céus, como era bom estar em casa! Apesar da vida que desfrutava em Londres, ansiava o ano inteiro pelos poucos meses que passava ali em Hamon House. Praticava desporto, usufruía das idas e vindas dos amigos durante o verão... e, por norma, tinha uma amante diferente todos os anos.

Excetuando aquele. Nenhuma mulher lhe despertara suficientemente a fantasia para a trazer à sua propriedade e desfrutar de longos dias e noites de um gozo corrupto.

Verdade seja dita que estava a sentir-se cansado do jogo, daquelas mulheres provocadoras e afetadas com toda uma fingida relutância e, por fim, da entrega, com uma paixão fabricada. Nesse ano queria... algo diferente.

De facto, não sabia muito bem o que significava «diferente». Talvez descobrisse quando se lhe deparasse.

– Milorde?

Ethan virou-se para o mordomo, com uma sobranceira arqueada.

– Sim, Winston?

– Tem uma visita, milorde. Disse-lhe que não estava em casa, mas ela insistiu. Parecia estar bem a par do seu calendário.

O mordomo deu uma fungadela manifestando o seu desagrado pelo estilo de vida de Ethan, mas o conde ignorou-a. Habituar-se às maneiras de Winston, e dado que ele era um mordomo perfeito em todos os outros aspetos, valia a pena suportar a censura subtil e os olhares de soslaio.

– Uma visita? Que interessante! – exclamou Ethan, pou-sando o corpo. – Conheço essa senhora?

Os lábios de Winston formaram uma linha reta.

– Já estive aqui antes, senhor, se é a isso que se refere. Trata-se de Miss Miranda Albright, a filha do seu falecido vizinho, Mister Thomas Albright.

Ethan franziu o sobrolho. Miranda Albright estava na sua casa?

– Veio com a mãe? – perguntou com um arrepio.

Dorthea Albright era o seu pior pesadelo e ele fazia o possível e o impossível para a evitar.

– Não, senhor – respondeu o mordomo, torcendo o nariz, antes de acrescentar: – Miss Albright está sozinha.

Ethan endireitou-se. Miranda estava sozinha? Nunca lhe cruzara a mente que pudesse ver-se a sós com a senhora. Sobre-tudo porque ela era apenas isso... uma senhora. Nunca ia onde quer que fosse sem um bando de damas de companhia para observarem cada um dos seus movimentos.

Apesar desse fator detestável, Ethan reparara nela. Era obviamente cuidadoso em relação às mulheres que optava por perseguir, mas isso não significava que fosse imune aos encantos das que se encontravam fora do seu alcance. E não havia qualquer mal em observar.

Por conseguinte, assim o fez. Miranda Albright era uma beldade. Tinha o cabelo louro, uns luminosos olhos azuis e era alta, dona de uns membros esguios que por vezes imaginara a rodearem-lhe o pescoço.

Todas essas coisas o atraíam, mas havia algo mais que a tornava inesquecível. Como era apropriado a uma senhora da sua posição, ela quase nunca o fitava diretamente, mas, quando o fazia, ficava sempre com a sensação de que ela conhecia algo secreto a seu respeito. Algo que ninguém mais sabia.

Não era obviamente verdade. Uma jovem reclusa como Miranda jamais poderia imaginar a vida que Ethan levava, mas ainda assim... o seu olhar era sedutor.

E agora estava ali na sua casa. Sozinha e a exigir uma audiência com ele.

Que intrigante.

- Vou recebê-la – indicou num tom calmo.

Winston emitiu um profundo suspiro indicativo do seu desagrado face àquela decisão.

- Ela espera-o no salão, milorde.

Após o criado ter feito uma vénia e saído, Ethan alisou o casaco. Parecia indubitavelmente descomposto após uma última semana de deboche em Londres e de uma longa viagem de carruagem até ao campo. Como iria reagir a juvenzinha quando ele entrasse no salão com a barba por fazer e o aroma a xerez nos lábios?

Não seria interessante observar?

Sorriu ao de leve enquanto percorria o corredor e abriu a porta do salão.

Miranda estava sentada numa cadeira perto da lareira, com o pé estremeando nervosamente debaixo dela. Quando a porta se abriu, levantou-se e virou-se na sua direção. Por um breve momento, o rosto expressou nervosismo e uma percepção da inconveniência da situação.

Contudo, no momento em que o fitou diretamente, tudo mudou. Os seus enormes olhos azuis – tão luminosos que quase lhe recordaram o mar em zonas mais quentes do mundo do que a Inglaterra – percorreram-lhe o corpo de alto a baixo. E não se tratava de uma leitura rápida e nervosa, mas de outra coisa.

Ela deteve-se em cada polegada do seu corpo e, por um breve instante, algo brilhou no seu rosto que quase petrificou Ethan.

Desejo, um quente, ousado e inebriante desejo.

Percebeu naquele instante que estava a olhar precisamente para o que procurara em todas as cortesãs e viúvas de Londres, enquanto buscava a amante desse ano.

E na sua frente estava a imagem de uma mulher que ele jamais poderia ter sem uma aliança em ouro a rodear-lhe o dedo.

Aquilo era um erro. Um erro terrível. Contudo, Miranda foi incapaz de reunir forças para se afastar. Apenas conseguiu ficar no meio do salão de Rothschild, a olhar para ele. Bebendo-o e pensando em todas as coisas perversas que o vira fazer.

Por Deus, ele era o homem mais bonito que tinha visto em toda a sua vida de consentida reclusão. Mas não podia imaginar que até mesmo a mulher mais experiente pudesse fitá-lo sem perder a cabeça. De facto, sabia que era impossível. Vira muitas delas renderem-se ao seu toque durante os três anos em que andara a espiar os seus encontros.

As coisas que ele fizera àquelas mulheres que se lhe rendiam. A maneira como agira...

O mero pensamento fê-la contorcer-se e uma humidade premente inundou-lhe as coxas. Não! Não podia pensar nisso agora. Não, se quisesse falar com ele sem parecer tola e confusa.

- O-olá - balbuciou com a voz embargada.

Verificou, surpreendida, que ele deixava a porta aberta, apoiando o largo ombro na entrada.

- Que surpresa, Miss Albright! - saudou com um toque de humor, como se estivesse a troçar dela. Era sempre essa a sensação que lhe dava e fê-la ruborizar.

- Percebo que não era esperada - retorquiu, unindo as mãos trémulas atrás das costas, ciosa de poder ocultar o seu nervosismo.